

**WINCHESTER CATHEDRAL**

A canção “Winchester Cathedral” foi um hit de sucesso em 1966-67, chegou ao topo da Billboard por sete semanas em plena era Beatles. Naquela época, a atual catedral de Franca ainda era a igreja matriz de N. S. da Conceição, pois o bispado foi instalado apenas em 1971. Sua construção, iniciada no final do século XIX, só foi dada por concluída no final dos anos 1930, com o projeto do engenheiro Carlos Zamboni.

Foi lá que fiz catecismo e primeira comunhão, era uma igreja soturna, meio obscurecida apesar dos vitrais que eu gostava de viajar na imaginação observando as luzes coloridas atingir as pessoas nos genuflexórios enquanto o latinório comia solto lá na frente. Seu ambiente silencioso, quase obsequioso, era quebrado nas missas pelo latim, homilias e orações ao céu. Era um ambiente meio opressivo para um adolescente que ouvia Beatles & Rolling Stones. A catedral de hoje não tem mais nada com aquele templo, tal o seu grau de descaracterização, adaptada à cafonice dos padres-cantores.

Dez anos depois, em 1977, mesmo já afastado da Santa Madre, percorri o longo corredor central da nave principal para entrar num casamento que dura até hoje. Naquele tempo, a minissaia já havia vencido a batalha da moda e ainda não havia padre chiliquento a implicar com braços desnudos ou pernas de fora. Nosso casamento foi realizado pelo frei Romualdo, que eu havia marcado sem muito sucesso no antológico jogo de futebol entre minha turma dos formandos do IETC e os professores, nos idos de 1969 (aliás, o que ele fazia no time, se não era professor?). Brutamontes no campo de jogo, é um cavalheiro fora dele. Por via das dúvidas, não havia como revidar as botinadas naquele momento, ele estava no comando da cerimônia, melhor não cutucar onça com vara curta.

Soube, anos depois, que rolou certa tensão nos bastidores da sacristia, onde meus pais e padrinhos aguardavam o início da cerimônia. Minha sogra insinuou a minha mãe para que eu colocasse gravata, minha mãe cortou logo: “vamos agradecer a Deus que ele aceitou casar na igreja, já está bom demais para um casamento meio hippie”. Felizmente, ninguém quis utilizar um rifle Winchester na catedral para obrigar o noivo a usar black-tie.

A saída dos noivos era para ser ao som dos Mutantes. Havia gravado uma fita cassete (os padres ainda não se importavam com essas bobagens) e pedi a meu irmão Olavo para comandar o som. Ele foi ajudado por um cara que se atrapalhou todo, então saímos devagar (não tão rápido que parecesse covardia, nem tão devagar que parecesse afronta), mas nada do som. Deu tilt na coisa. Ninguém ouviu as letras & músicas escolhidas, que eram assim: “O meu refrigerador não funciona, eu tentei tudo, eu tentei de tudo, não funciona, não, não, não, o meu, o meu, o meu refrigerador não funciona”. Em seguida, entrava “2001”, com sotaque caipira da Rita Lee e do Tomzé: “Astronauta libertado, minha vida me ultrapassa, em qualquer rota que eu faça, dei um grito no escuro, sou parceiro do futuro, na reluzente galáxia”. Lá se vão quarenta anos de um casamento duracell.

Mauro Ferreira é arquiteto